



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES EM REDE
NACIONAL (PROF-ARTES) - UFPB

Ana Paula da Silva Santos

**Aqui Dançando... Ali Cantando... Acolá Batucando... Além mar vou
CONTANDO: A Narração de Histórias da Tradição Afro-Alagoana Mané
do Rosário**

João Pessoa
2023

Ana Paula da Silva Santos

**Aqui Dançando... Ali Cantando... Acolá Batucando... Além mar vou
CONTANDO: A Narração de Histórias da Tradição Afro-Alagoana Mané
do Rosário**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Programa de
Mestrado Profissional em Artes – PROF-ARTES –
da Universidade Federal da Paraíba, como requisito
para a obtenção do título de Mestre em Artes, sob a
orientação do Prof. Dr. Victor Hugo Neves de
Oliveira.

Área de concentração: Ensino de Artes.
Linha de Pesquisa: Processos de Ensino,
aprendizagem e criação em Artes.

João Pessoa
2023

ANA PAULA DA SILVA SANTOS

**Aqui Dançando... Ali Cantando... Acolá Batucando... Além mar vou
CONTANDO: A Narração de Histórias da Tradição Afro-Alagoana Mané
do Rosário**

Trabalho apresentado como requisito para a obtenção do título de mestre em Arte no
Programa de Pós-Graduação em Artes em Rede Nacional– PROF-ARTES – da
Universidade Federal da Paraíba - UFPB.

Defesa em 23 de março de 2023

Banca Examinadora:

 Documento assinado digitalmente
VICTOR HUGO NEVES DE OLIVEIRA
Data: 17/04/2023 16:20:28-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Victor Hugo Neves de Oliveira
Orientador – PROF-ARTES/UFPB

Prof.^a Dr.^a Carolina Dias Laranjeira
Avaliador interno – PROF-ARTES/UFPB

Prof. Dr. Stênio José P Paulino Soares
Avaliador externo – Universidade Federal da Bahia

João Pessoa
2023

RESUMO

O presente trabalho elabora considerações sobre o processo de criação artística desenvolvido junto aos educandos e às educandas do 5º ano da Escola Municipal Dr. Pompeu Sarmiento, localizada na cidade de Maceió-Alagoas, cujo trabalho se buscou relacionar vivências da tradição afro-alagoana Mané do Rosário ao contexto da narração de histórias nas aulas de Teatro. Para efeito da discussão teórica, tomou-se como base pressupostos da performance negra, matizados nesta pesquisa pela autora Leda Maria Martins, bem como a filosofia do congolês Bunseki Fu-Kiau sobre as performances africanas (batucar, cantar, dançar). Visou-se no referido experimento pedagógico e criativo suscitar a construção de narrativas identitárias dos educandos e educandas por meio de saberes afrodiaspóricos da cultura Mané do Rosário. Propôs-se, ainda, vincular à Educação Básica práticas relacionadas aos saberes culturais e às ações de enfrentamento ao racismo, estabelecendo interfaces com as ações afirmativas vinculadas à Lei nº 11.645/2008 da LDBEN 9.394/1996, que trata do ensino da história e da cultura afro-brasileira e indígena na escola.

Palavras-Chave: Narração de Histórias; Pedagogia das Artes Cênicas; Oralidade; Performance negra.

ABSTRACT

This work elaborates considerations about the process of artistic creation developed with the students of the 5th year of the Escola Municipal Dr. Pompeu Sarmiento, located in the city of Maceió/Alagoas, which sought to relate experiences of the Afro-Alagoan Mané do Rosário tradition to the context of storytelling in Theater classes. For the purpose of the theoretical discussion, assumptions of black performance were taken as a basis, nuanced in this research by the author Leda Maria Martins, as well as the philosophy of the Congolese Bunseki Fu-Kiau on African performances (drumming, singing and dancing). The aim of this pedagogical and creative experiment was to encourage the construction of student identity narratives through Afrodiasporic knowledge of the Mané do Rosário culture. It was also proposed to link practices related to cultural knowledge and actions to combat racism to Basic Education, establishing interfaces with affirmative actions linked to Law nº 11.645/2008 of LDBEN 9.394/1996, which deals with the teaching of afro-brazilian and indigenous history and culture at the school.

Keywords: Narrated Storytelling; Education; Orality; Performance.

Fotografia 1 - Mané do Rosário no pátio da Capela de Padre Cícero em Coruripe/AL



Fotografia 2 - Educandas performingo o Mané do Rosário na Escola Dr. Pompeu Sarmento em Maceió/AL

Fonte: Arquivo pessoal 15 de novembro de 2022.



Mané mascarou

*Ouvi dizer que Mané mascarou.
Ouvi dizer que Mané mascarou.
E peneirava, serpenteava pirueta,
uma dança espoleta
Coruripe abençoou.*

*Nos idos da construção
da igreja de São José,
uma dupla de mascarados
resolveu dançar com fé.*

*Quem mascara já pede atenção.
Quem mascara se vê forte. É.
Cada máscara muda a visão
seja em homem, menino ou mulher*

*Ouvi dizer que Mané mascarou.
Ouvi dizer que Mané mascarou.
Ouvi dizer que Mané mascarou.
Ouvi dizer que Mané mascarou.*

*Mas ninguém sabia qual o cidadão,
que fazia a batida do pé.
E cobria o rosto e a mão,
o povo repetia que era Mané.*

*Ouvi dizer que Mané mascarou.
Ouvi dizer que Mané mascarou.
E peneirava, serpenteava pirueta,
uma dança espoleta
Coruripe abençoou.*

*O povoado Poxim colocou no calendário,
a cidade Coruripe sua máscara marca nosso itinerário.
Quem mascara já diz a que veio; quem mascara cria o imaginário.
Assim, cada máscara é um meio de fazer o corpo libertário.*

*Ouvi dizer que Mané mascarou.
Ouvi dizer que Mané mascarou.
Ouvi dizer que Mané mascarou.*

Ouvi dizer que Mané mascarou.

*É fácil botar um chapéu,
sobre o um porte elucidário.
E dançava como escarcéu,
o povo repetia é Mané do Rosário.*

*Ouvi dizer que Mané mascarou
Ouvi dizer que Mané mascarou.
Ouvi dizer que Mané mascarou.
Ouvi dizer que Mané mascarou*

*E peneirava, serpenteava pirueta,
uma dança espoleta
Coruripe abençoou.
Ouvi dizer que Mané mascarou.
Ouvi dizer que Mané mascarou.*

Autor: Toni Edson

Narração de história:

A menina Paulinha

Há muitos e muitos anos, lá no bairro da Chá da Jaqueira, em Maceió-AL, existia uma menina pretinha com o nome de Paulinha. Ela acreditava em conto de fadas, super-heróis, heroínas, e era fã da cantora e apresentadora Xuxa. A Paulinha era artista 'por natureza', adorava cantar, dançar, interpretar e fazer boneca de pano. Certo dia, ela fez uma apresentação imitando a artista Xuxa. Mas algumas pessoas começaram a sorrir muito e a chamá-la de “Xuxa Preta”. Ela então percebeu que as pessoas riram pelo fato de sua cor da pele não ser igual a pele da cantora. E isso era errado? Não! Lógico que não! Elas possuíam apenas belezas diferentes. E Paulinha sabia que era muito bonita! Falavam até que ela era a princesa Anastácia! Mas isso já é outra história. Desde então, Paulinha começou a se indagar porque não conhecia artistas na televisão que parecessem com ela, que a representassem. Onde estava a diversidade de cor e raça na TV? Certo dia, seu tio a chamou de Sandra de Sá. Dessa pessoa ela nunca tinha ouvido falar! Sua mãe explicou-lhe que, quando Paulinha acordava com o cabelo armado e sem o alisamento castigável, lembrava muito Sandra de Sá: uma cantora com um cabelo Black Power lindo! Taí! Paulinha inspirou-se! Eu agora sou artista tal qual a Sandra de Sá!

Eu performer - A professora Ana Paula

Não! Essa história não começou na docência. Iniciou por meio de minhas inquietações entre o ser uma mulher negra e o me tornar uma mulher negra. Há aproximadamente 10 anos venho tentando desconstruir todo o embranquecimento imposto à minha trajetória de forma inconsciente. Corroboro, assim, com Lélia Gonzalez quando expressa que “A gente não nasce negro, a gente se torna negro.[...]” (GONZALEZ, 1988, p. 2).

Na infância, eu não tinha referências de representatividades negras. A partir de movimentos sociais como o Julho das Pretas/AL e o Coalizão Negra em Alagoas, pude reverberar sobre o ser uma mulher negra na descoberta de suas identidades. Foi nos movimentos sociais que ouvi falar pela primeira vez em personalidades e pesquisadoras negras brasileiras como Lélia Gonzalez, Beatriz do Nascimento, Sueli Carneiro, dentre outras. Foi fora da graduação em Artes Cênicas/Teatro que ouvi falar também no Teatro

Experimental do Negro (TEN) e, conseqüentemente, na militância e na subversividade de Abdias do Nascimento. Aproximei-me, portanto, das histórias e da cultura negra em Alagoas. E já como atriz, passei a performar teatralmente dentro da temática negra.

Mesmo com estas descobertas que favoreceram minha identidade, eu não percebia como poderia desenvolver atividades pedagógicas que contribuíssem no fortalecimento da negritude através do meu fazer profissional enquanto professora. Mesmo com a obrigatoriedade da Lei 10.639/2003, alterada pela Lei 11.645/2008 da LDBEN, indagava-me: Como trabalhar a temática étnico-racial diante de um currículo ‘engessado’? Como aplicar a lei na escola, sem apoio uníssono da gestão escolar? Que habilidades recebi em formação docente para desenvolver o tema em sala de aula? Como, então, contribuir com um país democrático?

Na época, não obtive respostas para minhas perguntas. Buscava conhecer movimentos engajados na luta contra o racismo estruturado¹ no Brasil, mas até o ano de 2012 eu ainda não tinha ouvido falar em educação antirracista ou qualquer mobilização efetiva de acesso a uma educação plural nas redes de ensino ou nos sistemas educacionais dos quais fazia parte.

Mesmo com essas colocações e questionamentos, eu tinha um corpo, sobretudo, um corpo negro que performava ao existir. Entre os anos de 2012 e 2014, eu estive em transição capilar nessa busca de empretecimento do meu corpo e, por conseguinte, de minhas atitudes como mulher negra, que em muitos momentos passou por racismo, discriminação e que, simultaneamente, ansiava por pertencimento à sua verdadeira estética.

No primeiro ano de minha transição capilar (devido a química para alisamento) algumas educandas da escola onde trabalhava no Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) começaram a me observar e a me indagar de que forma elas poderiam passar por esse processo. Resolvi, assim, organizar uma roda de conversas com essas meninas, para poder ouvi-las e lhes explicar que não era só uma questão de cabelo, mas, principalmente, de identidade e pertencimento. Comecei a me apropriar junto às educandas do ensino da história e da cultura afro-brasileira na escola.

Essas rodas de conversas passaram a acontecer com frequência. Dentre os tantos relatos que ouvi, cabe aqui evidenciar a grande quantidade de meninas que relataram que

¹ Em resumo o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo "normal" com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. (ALMEIDA, 2018, p. 40).

o cabelo era a parte do corpo que mais incomodava a elas, uma vez que algumas sofriam racismo devido a seu tipo de cabelo, resultando até mesmo na não aceitação da própria cor da pele por parte de algumas delas. Já na primeira reunião tínhamos mais de trinta estudantes. Uma das meninas fez o corte capilar para retirada da química no mesmo dia da roda; outras foram trançando seus cabelos; algumas queriam aprender a usar turbante; outras, saber como melhor cuidar dos cabelos crespos ou cacheados.

As ações repercutiram na comunidade escolar. Resolvi convidar uma fotógrafa e realizar uma mostra fotográfica na Festa Literária de Marechal Deodoro – FLIMAR, tendo as educandas negras como protagonistas. Devido à potencialização dos diálogos, chamamos o projeto de *Narra Menina*. Após essa mostra, percebemos a elevação da autoestima dessas meninas, resultando, sobretudo, numa maior aceitação de si mesmas, livres de padrões estéticos que eram impostos a elas. A atividade se prolongou por cinco anos na escola. Posso dizer, atravessada por essa vivência, que ali nasceu uma pesquisadora professora antirracista.

Nesse bojo, trazia indagações de como trabalhar conteúdos programáticos referente às culturas afro-brasileiras nas turmas do Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano), visto que nessas séries/anos o trabalho docente deve seguir uma proposta didático-pedagógica que evidencie um ensino mais lúdico. Ciente de que seus direitos deveriam ser garantidos, busquei (e venho buscando) conhecer estratégias de ensino que me possibilitem também desenvolver atividades apropriadas para esse público.

Participando de grupos de estudos sobre teatro e performance negra, cursos de educação afrocêntrica, formação em educação antirracista, oficinas de contação de histórias de matrizes africanas e afro-brasileira, e também tendo contato com o djeli africano Moïse Bamba, percebi que posso transmitir a esses educandos e educandas, através da oralidade, saberes afrodiaspóricos e ancestrais.

Esses conhecimentos geralmente não estão em livros. Na maioria das vezes, são passados de geração em geração, e trazem um sentido de pertencimento e de resistência. A narração de histórias na sala de aula levou-me ao Mestrado Profissional em Artes, com a história da tradição Mané do Rosário. Porém, a relevância maior em contar histórias em sala de aula tem sido o fato de poder aproximar os educandos e as educandas do entendimento de que eles/elas não descendem de pessoas escravizadas, mas de reis e de rainhas negras.

INTRODUÇÃO

A pesquisa aqui descrita decorre do processo de criação artística sobre atividades pedagógicas que relacionam a tradição afro-alagoana Mané do Rosário à experiência de narração de histórias no contexto escolar.

A Escola Municipal Dr. Pompeu Sarmiento, localizada na cidade de Maceió-AL, representou o campo de abrangência da pesquisa, cuja experiência didática fora desenvolvida com um grupo constituído por educandos e por educandas do Quinto Ano do Ensino Fundamental.

Vale dizer que leciono o componente curricular Teatro na Rede Municipal de Ensino de Maceió-AL desde o ano de 2008. Neste percurso como artista-docente, desenvolvi processos pedagógicos que primaram pela oralidade por meio da contação de histórias, além da realização de exercícios partícipes do teatro na educação, a exemplo dos jogos dramáticos, dos jogos teatrais e das atividades que evidenciam a expressão corporal.

Investigando a territorialidade pertencente aos educandos e às educandas, propus processos colaborativos de práticas educativas que suscitaram narrativas afrorreferenciadas, incitando o grupo participante da pesquisa ao conhecimento ou ao reconhecimento de suas identidades através das tradições orais, objetivando a criação de um repertório afrodiaspórico de suas histórias.

Observando as performances da oralidade presentes na tradição Mané do Rosário, desenvolvi práticas educativas que se vincularam aos saberes culturais afro-alagoanos e às ações de enfrentamento ao racismo, conforme orientações da Lei das Diretrizes e Bases da Educação. Sobre performance, Schechner (2003) explicita:

Performances artísticas, rituais ou cotidianas – são todas feitas de comportamentos duplamente exercidos, comportamentos restaurados, ações performadas que as pessoas treinam para desempenhar, que tem que repetir e ensaiar. [...] Mas a vida cotidiana também envolve anos de treinamento e aprendizado de parcelas específicas de comportamento e requer a descoberta de como ajustar e exercer as ações de uma vida em relação às circunstâncias pessoais e comunitárias (2003, p. 27).

Considerando a importância das matrizes africanas para a constituição da história, da cultura e da arte brasileira, primei por uma educação não colonial, antirracista, em detrimento de um ensino exclusivamente eurocêntrico. Voltei-me, portanto, aos saberes ancestrais para o desenvolvimento de propostas e estratégias vinculadas à dimensão da oralidade, corroborando com as palavras do autor malinês Amadou Hampâ Bâ (2010), quando afirma que:

Quando falamos de tradição em relação à história africana, referimo-nos à tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apóie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. Essa herança ainda não se perdeu e reside na memória da última geração de grandes depositários, de quem se pode dizer *são* a memória viva da África (BÂ, 2010, p.167).

Segundo Martins (2003), os povos africanos e ameríndios tiveram suas histórias distorcidamente contadas pelo colonizador. Em sua obra *Afrografias da Memória*, a autora nos apresenta as *performances da oralidade* através dos povos do Congado do Reinado de Jatobá. Tal ideia, nos oferece um amplo feixe de possibilidades, de percepção, de fotografia da história e da memória daqueles congadeiros. Essa memória do conhecimento grafa-se e afrografa-se, no corpo e na voz, sendo, então, a memória escrita no corpo, no gesto. Sobre o termo *oralitura*, onde a oralidade se faz presente como litera, Martins (2003) argumenta:

A esses gestos, a essas inscrições e palimpsestos performáticos, grafados pela voz e pelo corpo, denominei oralitura, matizando na noção do termo a singular inscrição cultural que, como letra (littera) cliva a enunciação do sujeito e de sua coletividade, sublinhado ainda no termo seu valor de litura, rasura da linguagem, alteração significativa, constitutiva da alteridade dos sujeitos, das culturas e de suas representações simbólicas (MARTINS, 2003, p. 77).

Através das vivências com Mestra Traíra e os outros/as brincantes, e fazendo uso do método de observação e análise de fenômenos do corpo, inteirei-me do saber oral e da corporeidade presentes na tradição Mané do Rosário. Por conseguinte, observei nesta manifestação cultural o que Martins (2003) denomina por oralitura.

Esse processo possibilitou ainda, apresentar aos educandos e às educandas performances desta tradição afro-alagoana, numa investigação artístico-pedagógico no cruzo entre arte e educação. Narrar e ouvir histórias constitui, tradicionalmente, uma prática que contribui para a percepção de mundo. O simbolismo da performance, da espetacularidade, presente na narração, pode suscitar traços significativos nos processos socioculturais de formação, potencializando, assim, a educação das relações étnico-raciais.

Por isso, vale declarar que o meu interesse em investigar a história afro-alagoana da tradição Mané do Rosário a partir das performances da oralitura surgiu justamente pela identificação da ausência de personagens e histórias negras afrorreferenciadas em sala de aula, em detrimento de saberes eurocentrados e coloniais. Partindo do que nos aponta a contadora de histórias e escritora Chimamanda Adichie (2019), deve-se suscitar nossa percepção sobre "O perigo de uma história única".

Nesta direção, como professora de Teatro e narradora de histórias na rede pública de Educação Básica, busquei efetivar atividades artísticas relacionadas aos conhecimentos afro-brasileiros no ambiente escolar, em concordância com a Lei Federal 10.639/2003, alterada pela Lei Federal 11.645/2008 da LDBEN 9394/96, que institui a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura afro-brasileira e indígena nas escolas do país.

Em sala de aula, estimulei a conexão com histórias afrografadas no contexto diaspórico brasileiro e afro-alagoano a partir de uma atividade pedagógica intitulada *Dandarinha_Zumbizinho*. Aqui, levou-se ao conhecimento dos educandos e das educandas a existência de histórias voltadas às tradições negras, no intuito de potencializar reconhecimentos identitários e processos de enfrentamento ao racismo estruturado e institucionalizado no ambiente escolar.

Para desenvolver a construção destas narrativas, parti da perspectiva africana da *djelyia*², e da noção de *oralitura* como performance na vivência dos educandos e das educandas, estimulando o senso de pertencimento e de territorialidade nos quais os participantes da pesquisa estavam inseridos.

Como mediadora do processo educativo descrito nesta pesquisa, provoquei a desconstrução de valores homogeneizantes e a apreciação de saberes plurais em sala de aula. Mediante o saber oral, onde ação e vivência concatenam-se como corpo-palavra-memória, procurei problematizar o lugar político da Educação, refletindo sobre a representação desses saberes enquanto ciência, bem como sua amplitude nas formas de ensinar e aprender na contemporaneidade.

No intuito de refletir sobre valores de africanidade que perpassam a ancestralidade, a oralidade, a corporeidade, entre outros, Trindade (2010), formula para a etapa da Educação Infantil processos de compreensão do patrimônio africano, afrodiaspórico e afro-brasileiro, e os intitula como *valores civilizatórios afro-brasileiros*. De forma interseccional, propus experienciar tais *valores* no ensino da cultura afro-alagoana na escola. A respeito destes *valores civilizatórios afro-brasileiros* a educadora afirma:

Se estamos em constante devir, vir a ser, é fundamental a preservação da MEMÓRIA e o respeito a quem veio antes, a quem sobreviveu. É importante o respeito à ANCESTRALIDADE, também presente no mundo de territórios diversos (TERRITORIALIDADE). Territórios sagrados (RELIGIOSIDADE) porque lugares de memória, memória ancestral, memórias a serem preservadas como relíquias, memórias comuns, coletivas, tecidas e compartilhadas por processos de COOPERAÇÃO e COMUNITARISMO, por ORALIDADES, pela palavra, pelos corpos diversos, singulares e plurais (CORPOREIDADES), pela música

² Escola de tradição oral de formação dos djelis, conhecida também como *djelyia*. Grifos nossos.

(MUSICALIDADE) e, sobretudo, por que não, pelo prazer de viver — LUDICIDADE (TRINDADE, 2010, p.14).

Ações pedagógicas como as propostas pelos valores civilizatórios são capazes de provocar no âmbito educacional à reflexão sobre a criação de estratégias que repercutem na transformação social quanto às opressões das minorias étnicas, historicamente incorporadas ao espaço escolar. Nesse sentido, pondera-se a urgência e insurgência de um ensino pautado numa perspectiva crítica e não colonial.

A PALAVRA: como nasce uma história ancestral na África Ocidental

As sociedades africanas têm a oralidade como um meio de difusão de conhecimentos. A palavra, sendo um componente de criação nas sociedades tradicionais, por vezes é cultuada, visto que nela encontram-se princípios que subsidiam o âmbito da política, da construção coletiva, das decisões em conjunto. A palavra é energia vital dos valores civilizatórios afro-brasileiros.

Embora a palavra oral e a sonoridade norteiem diversas filosofias africanas, isso não significa a ausência da palavra escrita na cultura desses povos. De todo modo, a presença da escrita não indica a existência de um conhecimento ou de uma capacidade superior, conforme a construção do pensamento moderno ocidental nos levou a pensar, mas sobretudo, uma opção por uma outra forma de mediação de valores.

É relevante pontuar que apesar da transmissão dos saberes por meio da oralidade ser uma prática comum entre diversos povos africanos, é especificamente na África Ocidental que se situa a *djelyia*. Os *djelis*, formados na *djelyia*, são contadores de histórias, guardiões dos saberes ancestrais, poetas, músicos, entre outros. Sobre os *djelis*, Santos (2015) declara:

A grande maioria dos grupos étnicos africanos transmite seu aprendizado através da oralidade, há tradições orais em diversos segmentos dessas sociedades, embora existam, em alguns povos, castas em que as pessoas são formadas para contar histórias, e resguardar a genealogia, como é o caso do *djeli*. Há tradições orais entre os ferreiros e tecelões da África Ocidental, mas sua função está voltada para a arte da forja ou do tecer. Para o *djeli*, sua função na sociedade é ser depositário da palavra, essa é a matéria prima de seu artesanato. No Brasil, eles são conhecidos como griots, apesar de, entre eles não se chamarem dessa maneira. Eles resguardam a memória de muitas gerações, a tradição oral é a razão de existir dessa casta. (SANTOS, 2015, p. 162-163).

Como pesquisadora, participei de encontros denominados “*Janelas para Burkina*” por meio de plataformas digitais, com a presença do djeli François Moïse Bamba. A experiência teve como intuito aproximar as tradições orais da África Ocidental às experiências afrodiaspóricas da contação de histórias aqui no Brasil.

Moïse Bamba, nascido em Burkina Faso (1968), pertencente à família ancestral de djelis Kouyaté, situa-nos que, no sistema de organização social (casta) do país, os djelis têm a função de mestres da palavra tanto na transmissão de conhecimentos quanto na formação de seus descendentes. Os djelis Kouyaté mantêm a tradição de passagem do saber oral no oeste do continente africano desde a fundação do Império Mandinga³, no século XIII, por Sundjata Keita.

Soutigui Kouyaté (1936-2010) foi um dos grandes mestres djeli. Além da oralidade transmitida no canto, na música e na contação de histórias, a palavra e seus ensinamentos despertavam valores ancestrais de aconselhamento, mediação, cerimônia ou entendimentos da genealogia. Seus conhecimentos continuam vivos através de outros djelis contemporâneos, como seu filho espiritual François Moïse Bamba e Toumani Kouyaté, também representantes dessa nobre linhagem.

Destarte, as histórias narradas pelos djelis partem de um processo que tem como fio condutor a lógica oral, a qual possibilita a transmissão e a adesão do coletivo às suas memórias, onde a dança, o corpo, a musicalidade, os gestos, a voz criam entre si uma espécie de conexão, de cosmopercepção africana. Dada a relevância atribuída à palavra como memória, Hampaté Bâ (2010) afirma:

E, pois, nas sociedades orais que não apenas a função da memória é mais desenvolvida, mas também a ligação entre o homem e a palavra é mais forte. Lá onde não existe a escrita, o homem está ligado a palavra que profere. Está comprometido por ela. Ele é a palavra, e a palavra encerra um testemunho daquilo que ele é. A própria coesão da sociedade repousa no valor e no respeito pela palavra. (BÂ, 2010, p. 168).

Seguindo este raciocínio, é possível inferir que as culturas de matrizes orais propõem um processo de trabalho baseado num sistema que trata a estrutura das relações sociais, da espiritualidade, da organização das leis e da memória coletiva em uma mediação de lógica oral, que aponta a palavra como elemento fundamental.

³ Segundo Bernat (2008, p. 1), O Império Mandinga basicamente compreende três povos: os bambara, os diola e os malincas. Estes três grupos têm raízes comuns, mas destacarei os malincas, visto que Sotigui Kouyaté pertence a esta etnia. O Mandê é a região que compreende o antigo Império Mandinga que se situa ao longo do rio Niger subindo para Bamako (Mali) e descendo para Kouroussa (Guiné). Englobava o que é atualmente a Guiné, Mali, grande parte do Senegal, Burkina Faso, parte da Nigéria, todo o norte da Costa do Marfim e a Mauritânia.

A TRADIÇÃO MANÉ DO ROSÁRIO - Oralitura de um tempo espiralar

A manifestação cultural Mané do Rosário é genuinamente alagoana e originou-se no povoado de Poxim, na cidade de Coruripe, litoral sul de Alagoas. As forças das águas regem o local, que recebe um rio de mesmo nome: **Y-Po-xim** do tupi-guaraní “rio de águas escuras”.

Segundo Rocha (1984), a tradição surgiu em 1762, mesmo ano de fundação da igreja barroca de São José, padroeiro de Poxim. Ainda no período da escravização, não era permitido aos negros o acesso à igreja. Conta-se que, com o impedimento de entrada na igreja, surgiram dois homens negros mascarados como forma de resistência, satirizando e brincando todos os dias de festa na porta da igreja, sem que fossem reconhecidos.

Eles saíam dançando e girando, de porta em porta, estimulando a comunidade a participar de sua dança-cortejo até a porta da igreja, onde brincavam como bobos⁴ animando a população ao som do pífano. Um deles portava uma máscara correspondente à pintura facial, enquanto o outro cobria o rosto com um pedaço de pano e chapéu de palha na cabeça. A dança recebeu influência de algumas manifestações culturais como as baianas, o maracatu e a quadrilha. Na indumentária: saias rodadas coloridas, camisas de mangas cumpridas e alguns acessórios, como chocalhos na cintura, rosário no pescoço, toalha no braço e a palha de alho na mão.

Os mascarados apareciam sempre durante as festividades do padroeiro de São José e desapareciam de forma inexplicada. Passados alguns anos, eles deixaram de aparecer na festa, fazendo com que o povoado passasse a produzir o ritual de cortejo em homenagem aos dois mascarados, intitulado Mané do Rosário, pela junção de seus nomes.

Um dos exemplos mais representativos dessa experiência compartilhada na tradição é a figura de Mestra Traíra. Mestra Maria Benedita, mais conhecida como Mestra Traíra⁵, 68 anos (1954), neta de africana, pescadora, parteira e trabalhadora rural em seu povoado, recebeu em 2006 o título de Patrimônio Vivo⁶ do Estado de Alagoas, pela preservação da cultura ancestral do Mané do Rosário, desde 1972. Conserva mistérios religiosos estabelecidos no cruzo entre a fé católica, como grande devota de São José, e a umbanda, em cuja religião se denomina filha

⁴ Segundo dicionário priberam da língua portuguesa online 2008-2012 compreende-se “bobo” como sendo o Que ou quem é engraçado, divertindo os outros com esgares e ditos espirituosos ou tolos. = CHOCARREIRO, PALHAÇO.

⁵ Nome do peixe que Mestra Maria Benedita costumava comer na infância.

⁶ Registro: Resolução nº03/2006, Livro do Tombo nº 05, à folha 08 frente, a partir de 15 de março de 2006.

de Iansã e Oyá. Considera que, repassar para seus filhos/as, netos/as a sabedoria do Mané do Rosário, faz parte de seu legado. Sobre estes saberes da ancestralidade Mestra Traíra nos narra em entrevista:

Pronto, minha filha, o nome dos participantes, eu chamei minhas bailarinas, porque elas dançam. Sabia? Elas dançam, no ritmo do zabumba e do pífano. E os palhaço, é fazendo aquelas brincadeira, pulando, gritando, só né? Correndo, se peneirando, loco, loco, loco, loco dos ao som dos chocalhos, dando viva a São José. É o que os palhaços faz. E as bailarinas dançando, rodando...do jeito que eu danço elas dança. Todas ela. E os cinco os tocadores é tocando um no atabaque, no pífano, na zabumba, outro é no surdo, nos prato. Eu alcancei já com a minha vó, mas minha vó falava que já tinha sido da bisavó, da tataravó, da vó que eu não sei mais, de tanta vó, né? E foi passando pra os netos, e minha vó mesmo passou pra mim. E de mim eu espero passar pra uma das minhas filhas. E amo a minha brincadeira, adoro. (TRAÍRA, 2021. Informação verbal).

No período de pesquisa de campo, Traíra contou-me que a avó dela, conhecida como Dona Faustina, foi uma mulher africana em diáspora que recebeu de sua avó os ensinamentos desta tradição e a manteve durante sua vida. Aproximando-se de seu falecimento, Dona Faustina chama Mestra Traíra (na época com sete anos de idade) e compartilha com ela o legado cultural o qual permanece presente até os dias atuais. Mestra Traíra tem seus filhos e netos inseridos nessa tradição e, juntos aos participantes locais de Poxim, mantêm a expressão cultural ancestral que já se aproxima dos 300 anos de existência. Pode-se perceber que passado, presente e futuro transitam simultaneamente nessa cultura. Sobre tempo ancestral Martins (2003) define a concepção de um “tempo espiralar”:

Essa percepção cósmica e filosófica entrelaça, no mesmo circuito de significância, o tempo, a ancestralidade e a morte. A primazia do movimento ancestral, fonte de inspiração, matiza as curvas de uma temporalidade espiralada, na qual os eventos, desvestidos de uma cronologia linear, estão em processo de uma perene transformação. Nascimento, maturação e morte tornam-se, pois, eventos naturais, necessários na dinâmica mutacional e regenerativa de todos os ciclos vitais e existenciais. Nas espirais do tempo, tudo vai e tudo volta. (MARTINS, 2003, p. 75).

Nos dias atuais, a manifestação é composta por um grupo de 35 integrantes, que distribuídos em suas funções formam a tradição. Na representação, as mulheres e as meninas, contando também com a presença de alguns homens, compõem a encenação do mascarado com pano no rosto, e performam usando rosário no pescoço, saia colorida, chapéu feito da palha de ouricuri, toalha e palha de alho no braço. Os meninos e os homens representam o outro mascarado, que se caracteriza pelo rosto pintado, chocalho na cintura, calça de chita, e chicote na mão. Faz parte da composição também a música que é repleta pela interculturalidade como quadrilha, maracatu, baiana e reisado, notoriamente cruzando-se os instrumentos típicos destas

manifestações culturais aos instrumentos percussivos afrodiaspóricos. São ao todo cinco músicos, com seus respectivos instrumentos: atabaque, surdo, prato, pífano e zabumba.

Durante a festa do padroeiro de Poxim, em meados de março, acontece o cortejo do Mané do Rosário, que sai da casa da Mestra Traíra até o adro da igreja de São José. As mulheres e alguns homens saem dançando em ritmos que vão além dos passos coreográficos das baianas e do maracatu. Executam giros corporificados, um rito no bailar de suas saias, o qual chamam de rodopios. Os homens e os meninos têm o papel de puxador e de bobo. Estes saem circulando o cortejo entre as dançantes, sendo chamados de palhaços, animadores da comunidade, que acompanham e interagem com a performance. Mestra Traíra assim nos relata:

E a história é que era dois homens negros que dançava na porta da igreja de glorioso São José. Começava da primeira noite até a derradeira. Era nove noite de festa, era nove noite que eles se apareciam na porta. E enquanto tava o leilão eles tavam lá fazendo aquelas brincadeiras com chocalhos e a palha de alho. A trança de alho na mão, e o outro com o pano no rosto e a toalha no braço. Né? E com o rosário no pescoço e se peneirando no toque do atabaque, surdo, pífano, zabumba e prato. E o povo perguntava a eles como era o nome deles. Um dizia o meu nome é Mané, outro respondia e eu Do Rosário. Aí pronto, ficou Mané do Rosário. Porque essa cultura faz a parte, faz uma parte dos escravos, quando no tempo que existia escravidão e os branco não queria que o negro entrasse na porta da igreja. Então, esses dois homens cobria o rosto e outro se pintava, que era pra poder chegar na porta da igreja pra mostrar que negro também se achegava até a porta da igreja. E eles não viam o rosto, não sabia se era preto ou se era branco. (TRAÍRA, 2021. Informação verbal).

Com base em Ligiéro (2011), as manifestações afro-brasileiras, a festa e a religião estão imbricadas às performances das danças africanas. O corpo é o regente que se movimenta no ritmo da percussão, da música, da dança, formando a tríade denominada pelo congolês Bunsenki Fu-Kiu como batucar-cantar-dançar. Acerca dessa tríade, Zeca Ligiéro cita:

Fu-Kiau afirma que, quando alguém está tocando um atabaque ou qualquer outro instrumento, uma linguagem espiritual está sendo articulada. O canto é percebido como a interpretação dessas linguagens para a comunidade presente no aqui e agora. Dançar seria a “aceitação das mensagens espirituais propagadas” através de nosso próprio corpo, bem como o encontro dos membros da comunidade nas celebrações conjuntas, sob o perfeito equilíbrio (Kinenga) da vida. “Batucar-cantar-dançar permite que o círculo social quebrado seja religado (religare), de forma a fazer a energia fluir novamente entre os vivos e mortos. Dessa forma, podemos entender que a clássica separação entre religião e entretenimento também não se aplica no caso das performances africanas, que são formas complementares dentro do mesmo ritual. (LIGIÉRO, 2011, p. 135).

Por conseguinte, observa-se no Mané do Rosário esta tríade característica de uma África em diáspora, onde corpo e voz performam ao toque do atabaque e do surdo, de forma uníssona, rememorando Mané e Rosário.

A oralitura do Mané do Rosário acontece no gesto, na voz, na música, na dança que traz um corpo que gira e conta história, através da performance de Mestra Traíra, suas e seus dançantes, palhaços e músicos. Esses sujeitos e sujeitas grafam em seus corpos as histórias advindas da ancestralidade como um ato de luta que existe há aproximadamente trezentos anos em Alagoas. A resistência do povo preto que fora escravizado é transcrita através desta manifestação cultural que, pela ausência da escrita dita como “formal”, não é silenciada, permanecendo presente em seus ritos.

O corpo opera como caminho de inscrição da memória na disseminação de saberes. Nas performances da oralitura, encontramos imensas possibilidades de processos e repertórios que se revelam na escuta, na palavra transcrita⁷ pela oralidade. Retomando as tradições procedentes de África, grafa-se na diáspora, no transatlântico, em Poxim/Alagoas (BR), a transmissão do conhecimento do Mané do Rosário. Em *Afrografias da Memória*, Martins (1997) disserta sobre a performance da oralidade:

[...] Queria eu desenhar uma melopéia que traduzisse na letra escrita (impossível desejo!) o fulgor da performance oral, os matizes de uma linguagem sinestésica que conjugasse as palavras, os gestos, a música e o encantamento imanentes na materialidade sónica e significante dos cantares e festejos dos Congados; uma dicção que não elidisse o sujeito e o objeto, o sopro e o estilete, o ritmo e a cor. Mas a escrita se recobre de outros matizes e modulações e, mesmo quando recobre a sinestésica performance da oralidade, desvela-nos outras diferentes possibilidades de fruição e magia. (MARTINS, 1997, p. 20).

Pode-se encontrar em diversas partes do território brasileiro manifestações afrodiáspóricas, que trazem em seus cantares danças e representações que caracterizam inscrições da performance oral. Tais performances se perpetuam no trânsito ancestral, em corpos que circunscrevem suas histórias nas manifestações culturais como: o maracatu, o jongo, a congada, o samba chula, o Mané do Rosário, dentre outros que, em performance de um tempo espiralar, distanciados de uma cronologia, reinventam variadas epistemologias.

⁷ Conforme Martins (1997, p. 22), a palavra, como hálito, condensa o legado ancestral, seu poder inaugural, e o movimento prospectivo da transcrição, encenado no ato da transmissão. O evento narrado dramatiza o sujeito num percurso curvilíneo, presença crivada de ausência, memória resvalada de esquecimento, tranças aneladas na própria enunciação do narrado.

PROCESSO DE CRIAÇÃO ARTÍSTICA - A NARRAÇÃO DA HISTÓRIA AFRO-ALAGOANA MANÉ DO ROSÁRIO NA ESCOLA

Através da narração da história do Mané do Rosário, instaurei um espaço de aprendizagem, cuja lógica relacionou-se com a performance oral no contar, no ouvir histórias. Apliquei junto aos educandos e educandas oficinas e vivências para elaboração de instrumentos percussivos, procurando aproximar as referidas práticas performativas de ensino à filosofia de Fu-Kiau sobre a tríade cantar-batucar-dançar.

Dentro da atividade de narração que intitulei *Dandarinha_Zumbizinho*, levei ao conhecimento dos educandos e educandas, a existência de histórias voltadas às tradições ancestrais afro-brasileiras e afro-alagoanas, estimulando a conexão dessas afrografias ao Mané do Rosário. Remeti-me ao herói e heroína negra do Quilombo dos Palmares-AL, para despertar no educando/a o senso de pertencimento, territorialidade e representatividade. No que se refere ao narrar da palavra ancestral, Martins (1997) discorre:

No circuito da tradição, que guarda a palavra ancestral, e no da transmissão, que a reatualiza e movimenta no presente, a palavra é sopro, hálito, dicção, acontecimento e *performance*, índice de sabedoria. Esse saber torna-se acontecimento não porque se cristalizou nos arquivos da memória, mas, principalmente, por ser reeditado na performance do cantador/narrador e na resposta coletiva. (MARTINS, 1997, p. 146).

Durante todo o ano letivo de 2022, preparei juntamente aos educandos/as do 5º ano da Escola Dr. Pompeu Sarmiento exercícios voltados às tradições Afro-alagoanas. Em uma turma de 30 componentes (19 meninas e 11 meninos), fizemos algumas rodas de conversa onde compartilhamos histórias de seus parentes e amigos mais velhos. Cada criança recebia a tarefa de ouvir histórias antigas contadas por seus avôs, avós, tios, tias, vizinhos, vizinhas ou de seus próprios pais, e recontar para seus colegas de sala. Esta vivência concatena-se com as do indígena, do escritor e do contador de histórias Daniel Munduruku, que em sua etnia costumava ouvir, aprender e narrar histórias. Observe-se esse ensinamento de seu pai, enquanto Munduruku era ainda menino:

A gente aprende muitas histórias durante a vida. Algumas são para dizer quem somos, de onde viemos e para onde vamos. Essas histórias nos ajudam a perceber parte do universo. Têm histórias que nos ensinam de onde tirar nosso alimento: histórias da mandioca, dos frutos comestíveis, das plantas medicinais. Essas histórias nos contam que tudo é sagrado porque nos foi dado graciosamente. (MUNDURUKU, 2016, p. 29-30).

Em meio a estes compartilhamentos, eu trouxe histórias sobre o Maracatu “A corte de Alagoas”, “O baianá de Santa Luzia”, e a história do Mané do Rosário. contei para as crianças como surgiu há quase trezentos anos o Mané do Rosário, e que essa cultura surgiu na porta da igreja em resistência ao impedimento da presença de negros dentro da igreja.

Criou-se através dessa ferramenta de contação de histórias o entendimento lúdico dessa performance, aguçando nos discentes o desejo pelo conhecimento das histórias envolvendo Mestra Traíra e os brincantes dessa tradição. Examinou-se, assim, o imaginário das crianças quanto a essa cultura através do desenvolvimento de algumas oficinas.

Antes de iniciar as oficinas planejadas metodologicamente no projeto, fiz trabalhos preparatórios de conhecimentos afrodiaspóricos que reverberaram na identidade e no senso de pertencimento territorial dos educandos/as. Ensinei ainda, nas aulas de Teatro, toques básicos de alguns instrumentos percussivos como pandeiro, agogô, xequerê, a elaboração de instrumentos de forma reciclável como o ganzá, e a criação de bonecas abayomis. Nos exercícios de expressão corporal optei por atividades que sempre trouxessem as tradições afro de Alagoas, a exemplo do coco de roda.

As oficinas planejadas metodologicamente aconteceram entre os meses de outubro e dezembro de 2022, seguindo a proposta de, em cada uma delas, trabalhar a performance do Mané do Rosário, por meio da filosofia africana apresentada por Fu-Kiau sobre o batucar, o cantar, e o dançar.

O CANTAR

A fala no Mané do Rosário está no corpo que em seu gestual dança e conta história. Mas, segundo Mestra Benedita (Mestra Traíra), no final do cortejo, ao chegarem na igreja de São José, eles cantam em despedida, prometendo um novo cortejo no ano vindouro. Contamos e cantamos com as crianças a canção citada pela Mestra:

*Cheguemos na porta da igreja
para louvar ao Senhor São José,
com o nosso Mané do Rosário
até ‘para o’ ano se Deus quiser.*

*Cheguemos na porta da igreja
para louvar ao Senhor São José,*

*Com o nosso Mané do Rosário
até ‘para o’ ano se Deus quiser.*

(Música cantada durante o Cortejo)

Levei ao conhecimento dos educandos/as outra música “*Mané Mascarou*”, composta pelo professor e contador de histórias Toni Edson⁸ (in memórian). A canção logo caiu no gosto das crianças, tornando-se um ‘hit’ musical como elas mesmas diziam. Compartilhei também a música com Mestra Traíra, que começou a cantarolar com facilidade a letra em homenagem ao seu querido ‘Mané’.

O DANÇAR

No dançar, dividi as oficinas em dois momentos: primeiro trouxe a pesquisadora de coco de roda alagoano e paraibano Juliana Lima (acadêmica em Dança/UFPB), para trabalhar expressão corporal em âmbito afro-brasileiro, bem como os passos e os giros performativos do Mané do Rosário. Em um segundo momento, convidei duas brincantes⁹ do Mané do Rosário para que as crianças conhecessem de perto a tradição. A brincante Larissa dançou o ritmo do Mané representando as bailarinas (que são os mascarados com rosto coberto); já a brincante Bidô, representou os palhaços (que são os mascarados com o rosto pintado e o chocalho na cintura).

As crianças da turma do 5º ano, a princípio, ficaram impactadas com o visual do Mané do Rosário, principalmente com o rosto coberto pelo tecido/véu, e pela grande saia de chita de Larissa. Porém, elas já haviam sido preparadas para o encontro devido à história que narrei em sala, pelas oficinas, e por terem assistido ao documentário intitulado “Mané”. Após uma roda de conversas entre os educandos/as e as brincantes, elas nos convidaram a dançar ao som do pífano e do surdo.

⁸ Toni Edson foi professor, dramaturgo, diretor, compositor, ator e contador de histórias. Passou a ser formador de contadores, e teve suas pesquisas direcionadas para contos africanos e contos populares do Brasil. Doutor em Artes cênicas pelo Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia (PPGAC/UFBA), estudou procedimentos e tradição oral de contadores de história africanos como inspiração para rodas de história na rua com contos brasileiros e africanos. Foi professor do curso de Artes Cênicas da UFSC, e professor de Encenação e Teatro de Rua da Escola Técnica da Universidade Federal de Alagoas (ETA/UFAL). Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8072133015605731> Acesso em: 20. jan. 2023.

⁹ Devido à distância de 76km entre as cidades de Coruripe (Povoado Poxim) e Maceió (Localização da escola), e o avançar da idade Mestra Traíra não achamos pertinente o contato de forma presencial com as educandas e educandos.

O BATUCAR

A oficina de instrumento percussivo foi uma experiência de bastante fruição devido o contato durante todo o ano letivo com instrumentos de percussão. Convidei a brincante Bidô, filha de Mestra Traíra, para compartilhar com as crianças seus saberes no toque do surdo. Essa oficina teve participação de todos/as os/as educandos/as envolvidos/as no projeto. Perpassando pela vivência no Mané do Rosário, as crianças participantes da experiência didática apreenderam na prática sobre a importância do batuque para as culturas afrosdiaspóricas, performando em seus corpos, ritmos e síncopes. A respeito do corpo, Ligiéro argumenta:

Nas performances de origem africana hoje, podemos observar: o corpo é o centro de tudo. Ele se move em direções múltiplas, ondula o torso e se deixa impregnar pelo ritmo percussivo. A dança que subjuga o corpo nasce de dentro para fora e se espalha pelo espaço em sincronia com a música sincopada típica do continente africano (LIGIÉRO, 2011, p. 133).

Realizei com a colaboração do pifeiro alagoano Pedro Vasconcelos oficinas de pífano, instrumento indígena, visto à diversidade musical e cultural que atravessa o Mané do Rosário perpassando à interculturalidade¹⁰. As crianças envolvidas na experiência mostraram-se bastante motivadas no aprendizado do instrumento de sopro e, em decorrência disso, precisei prolongar por mais dias a atividade instrumental. Em consonância com uma das aulas de pífano realizamos a junção das oficinas de expressão corporal, do instrumento da caixa, do surdo, bem como, culminando com a presença das brincantes do Mané do Rosário.

O CORTEJO

No processo de todas as oficinas, experienciadas pela turma do 5º ano da Escola Dr. Pompeu Sarmiento, busquei enfatizar a relevância da indumentária e da caracterização dos corpos para o entendimento da tradição do Mané do Rosário. A intenção das dançarinas ao cobrir seus corpos e rostos e dos palhaços ao se pintarem, era (e é), subverter a lógica de um tempo de escravização e racismo.

¹⁰ Cabe destacar que entendemos a interculturalidade como conceito que define uma perspectiva, descreve processos e estimula práticas de interação entre culturas que reconhecem as diferenças e trabalham em favor da eliminação das desigualdades. A noção põe em evidência as interseções múltiplas (de etnia, classe, gênero, nacionalidade etc.) que permeiam as relações entre configurações culturais e supõe, sobretudo, um diálogo entre culturas que não justifica nem reforça as relações de subordinação, antes, assume o compromisso de reconhecer as desigualdades e implementar políticas destinadas a reduzi-las. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=564720>. Acesso em 24 fev. 2023.

Durante a facilitação da oficina, propositalmente eu deixava sempre sobre a bancada saias de chita, chapéus, tintas para pintura facial, pincéis, tecidos/véus, para que cada um/a decidisse o que usar e como usar durante as atividades. Observei o senso de colaboração entre as crianças quando um menino pintava o rosto de uma colega e vice-versa, ou quando uma menina colocava o tecido/véu no/a outro/a.

Narrei para turma como acontecia o cortejo Mané do Rosário nas ruas do povoado Poxim a cada festa do padroeiro de São José, no mês de março. Fizemos nossos cortejos na escola, substituindo a porta das casas, pelas portas das salas, intervindo nas aulas de cada turma brincando e animando como fazem os palhaços do Mané do Rosário nas ruas do povoado.

Perfizemos os giros das dançarinas com as crianças, usando saias coloridas, as toalhinhas nas mãos, os chapéus que cobriam as cabeças, meninos e meninas pintaram-se de palhaços e palhaças subvertendo a rotina da escola, para manifestar a urgência de um país mais justo e democrático, principalmente com respeito à educação das relações étnico-raciais.

Analisando o momento do cortejo, percebi que as crianças não distinguiram a narrativa do Mané do Rosário da brincadeira. Seus corpos, gestos e vozes atuavam como escuta. Concordo, portanto, com Noguera quando diz que: “brincar e narrar são originalmente formas de resistir às opressões mais cruéis e estabelecer que a vida deve ser livre e desimpedida. A criança – o ser investido de infância – está em busca dessa liberdade radical” (NOGUERA, 2020, p. 548).

Portanto, tendo como mola propulsora a *Narração de Histórias da Tradição Afro-alagoana Mané do Rosário*, consegui avaliar que o processo de criação artística proposto para a turma do 5º ano da Escola Dr. Pompeu Sarmiento sobre a performance negra Mané do Rosário obteve resultados satisfatórios. Ao preconizar oficinas em consonância com o cantar, o dançar e o bater concebidos por Fu-Kiau, bem como, ao trabalhar as performances da oralidade da referida tradição, realizei em conjunto com os educandos/as os procedimentos metodológicos da pesquisa.

Propus em sala uma educação voltada ao enfrentamento do racismo, buscando despertar reconhecimento das corporeidades negras enquanto saber. Pretendeu-se com este estudo e ações pedagógicas minimizar a manutenção das estruturas hierárquicas que legitimam as opressões das minorias étnicas, historicamente incorporadas ao espaço educacional.

Condizente a este pensamento, a professora e escritora bell hooks¹¹ (2013) considera relevante questionar a narrativa eurocêntrica que fortalece o racismo institucional. Nessa perspectiva, por meio de suas práticas em sala de aula, a autora formula críticas ao processo formativo marcado por ações que sustentam relações de poder. Tomando como base teórica o educador brasileiro Paulo Freire, hooks apresenta-nos uma análise crítica da prática pedagógica tradicional e ressalta a importância do fazer educativo com vistas à autonomia dos sujeitos sociais.

É preciso refletir e atuar por uma educação que desconstrua a colonização do saber, numa perspectiva de romper com uma geopolítica hegemônica, favorecendo epistemologias plurais. Faz-se necessário desenvolver projetos que favoreçam a criatividade e a interculturalidade, para um ambiente escolar propenso às diversidades culturais que atendam a todos os sujeitos, em especial àqueles/as por vezes subalternizados como: indígenas, mulheres, LGBTQIAPN+, negros, dentre outros corpos que subvertam as lógicas da sociedade educacional tradicional[

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste processo de criação artística em sala de aula, desenvolvi exercícios para a construção de novas narrativas na vivência dos educandos e educandas, primando por saberes que suscitam o senso de pertencimento, territorialidade e identidade.

Experiências atravessadas entre a tradição Mané do Rosário e suas próprias histórias, despertaram a criatividade e a espontaneidade das crianças em atividades como a narração de histórias, a construção das bonecas abayomi, os cânticos, as danças, as oficinas de percussão, entre outros. As crianças compartilharam vivências próprias da filosofia dos valores *civilizatórios afro-brasileiros* nas brincadeiras culturais afrodiaspóricas às quais exploraram a ludicidade, a memória, a oralidade, a ancestralidade e a performance.

¹¹ Indicamos durante toda escrita deste trabalho, o nome da autora bell hooks com letras minúsculas, a partir do desejo da própria escritora: “o mais importante em meus livros é a substância e não quem sou eu”. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-pedagogia-negra-e-feminista-de-bell-hooks/>. Acesso em: 11 ag. 2021.

Na cultura Mané do Rosário percebi que a aprendizagem das crianças brincantes acontece por meio de seus familiares. Como em tempo espiralar, elas aprendem a dançar, a se maquiar, a virarem palhaços e bailarinas. Vi portanto, nesta manifestação uma importante influência para meu fazer artístico-pedagógico.

Quando uma menina negra, ou menino negro, trançam os cabelos de uma boneca preta, e diz ser uma rainha, um rei africano, ou afro-brasileiro, grafa-se na memória uma outra história. Doravante, quando educandas e educandos não negros participam dessas práticas, aprendem sobre valores pluriversais, concebendo-se o entendimento do respeito à diversidade e à importância em minimizar o racismo na educação.

Esta constatação é perceptível em muitos momentos da pesquisa, como no dia do cortejo, onde o educando Esdras segura duas bonecas abayomi em mãos, e narra a história antirracista do Mané do rosário: *O Mané do rosário é um pequeno folgado onde dois homens, o Mané, e o Rosário, eles se vestiam, colocavam uma saia, um paninho pintavam o rosto, colocavam veuzinho, chapéu. Só porque naquela época os negros não podiam entrar na igreja. então eles foram protestar brincando, corpo estandarte* (ESDRAS, 2022.Informação verbal).

Como formação docente, os aprendizados provenientes do PROF-ARTES proporcionaram-me novas práticas no ensino das Artes Cênicas, e trouxe para a comunidade escolar o interesse sobre conhecimentos direcionados à cultura afro-alagoana. Como educadora prezei pela aplicabilidade de um currículo emancipatório, provedor de procedimentos voltados para a educação das relações étnico-raciais. O intuito foi reduzir as configurações do racismo estruturado e institucionalizado na escola a partir da contação da história da Tradição do Mané do Rosário. Minimizar o racismo no ambiente escolar é também papel da Educação, efetivado como uma das Ações Afirmativas na Lei 11.645/2008 da LDBEN.

É imprescindível, ainda, ponderar sobre os impactos da colonização do saber nas interfaces da educação, bem como trabalhar para a promoção de um pensamento crítico e subversivo, na construção de um ensino radicalmente democrático em suas histórias. E é peneirando, serpenteando, fazendo pirueta e dançando que artistas, pesquisadoras/es, educadoras/es negras/os vamos promover ações que suscitem uma educação antirracista, para além da sala de aula.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma única história**. Tradução de Julia Romeu. Companhia das Letras, 2019.
- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BÂ, Amadou Hampaté. A tradição viva. In: Ki-Zerbo, Joseph. **História Geral da África – Metodologia e Pré-História da África**. Brasília: Unesco, 2010. 167-212 p.
- BAMBA, François Moïse. Empresa Ba-kô Burkina Brasil. **Curso online. Videoconferências: Encontros Janelas para Burkina**. Via plataforma Zoom, 2021. (ca. 180 min).
- BERNAT, Isaac Garson. **O olhar do griot sobre o ofício do ator: reflexões a partir dos encontros com Sotigui Kouyaté**. Anais ABRACE. v. 9, n. 1, p. 1, 2008. ISSN 2176-9516.
- BRANDA, O. P.; TRINDADE, A.L. da. (orgs.) Modos de brincar: caderno de atividades, saberes e fazeres. In: TRINDADE, A. L. da. **Valores Civilizatórios e a Educação Infantil: uma contribuição afro-brasileira**. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.
- BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Acesso em: 20 de jan. 2023.
- BOBO. In: DICIO, **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa** [em linha], 2008-2021. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/bobo>. Acesso em 24 fev. 2023.
- ESDRAS, Educando entrevistado. **Depoimento colhido no processo artístico-pedagógico da pesquisa**: [nov. 2022]. Entrevistadora: Ana Paula da Silva Santos. Maceió, 2022. Arquivo. Gravação Câmera Fotográfica Canon (00:52 segundo com cortes). Entrevista realizada à pesquisa do mestrado do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Artes – PROFARTES-UFPB.
- GONZALEZ, Lélia. A importância da organização da mulher negra no processo de transformação social. **Raça e Classe**. Brasília, ano 2, n. 5, p. 2, nov./dez. 1988d.
- HOOKS, bell. **Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF; Martins Fontes, 2013.
- Integrantes do Eixo Temática Cultura e Artes, professores de diferentes unidades da USP. **Da cultura, das artes, da complexidade: subsídios para as políticas públicas**, 22/09/2022. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=564720>. Acesso em 24 fev. 2023.
- LIGIÉRO, Zeca. Batucar-Cantar-dançar: desenho das performances africanas no Brasil. **Revista de Estudos de Literatura Aletria**, vol. 21, n. 1, 2011. Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18430>. Aletria: Revista de Estudos de Literatura.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da Memórias: O Reinado do Rosário no Jatobá**. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

MARTINS, Leda Maria. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. [Editorial]. Língua e Literatura: Limites e Fronteiras, **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras-PPGL/UFSM**, n. 26, p. 63-81, 2003. ISSN 1519-3985. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881/7308>. Acesso em: 15 jun. 2021.

MUNDURUKU, Daniel. A história de uma vez: um olhar sobre o contador de histórias indígena. In: MEDEIROS, Fabio Nunes Medeiros; MORAES, Rauen Taiza Mara. **Contaço de histórias: tradição, poéticas e interfaces**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2016, p.29-30.

NOGUERA, Renato; ALVES, Luciana pires. Exu, a infância e o tempo: Zonas de Emergência de Infância (ZEI). **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 17, n. 48, p. 533-554, 2020.

ROCHA, José Maria Tenório. **Folguedos e Danças de Alagoas**, 1984. Mané do Rosário. Secretaria de Cultura de Alagoas, Coruripe, 15 de jun. de 2021. Disponível em: <http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-aco-es/mapeamento-cultural/cultura-popular/folguedos-dancas-e-tores/folguedos-de-festas-religiosas/mane-do-rosario/mane-do-rosario>. Acesso em 15 jun. 2021.

SANTOS, Toni Edson. “Negros pingos nos “is”: djeli na África ocidental; griô como transcrição; e oralidade como um possível pilar da cena negra” In: **Urdimento**, v.1, n.24, p.162-163, jul. 2015.

SCHECHNER, Richard. O Percevejo. O que é Performance?. **Revista de Teatro, Crítica e Estética**. Rio de Janeiro: ano 11, n 12, p. 25-50, 2003 - ISSN 0104-7671.

SECULT/AL – Secretaria de Estado da Cultura de Alagoas. **“Lei do Registro do Patrimônio Vivo”**, Disponível em: <http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-aco-es/registro-do-patrimonio-vivo/mestres-do-rpv-al-por-ano-de-premiacao/ano-2006/582-maria-benedita>. Acesso em: 20 jan. 2023.

TRAÍRA, Mestra Benedita. **Entrevista semi-estruturada**: [fev. 4 e 2 ago. 2021]. Entrevistadora: Ana Paula da Silva Santos. Coruripe, 2021. 2 arquivos. WhatsApp (1h30min). Entrevista sendo realizada à Pesquisa do mestrado em andamento do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Artes – PROFARTES-UFPB.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES EM REDE NACIONAL
(PROF-ARTES) - UFPB

Ana Paula da Silva Santos

Aqui Dançando... Ali Cantando... Acolá Batucando... Além Mar Vou
CANTANDO: A Oralitura na Contação de História da Tradição Afro-Alagoana Mané
do Rosário

João Pessoa
2023

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai Paulo José (*in memórian*) homem preto da periferia de Salvador/BA que sonhava em ver sua filha mestra;

À minha mãe Aparecida Quintino que proporcionou-me o acesso contínuo à Educação;

À Edvania Cerqueira companheira intelectual que me motivou-me à trilhar nos caminhos acadêmicos;

À minha filha Uaná, que passava horas ao meu lado no computador e com seu olhar de amor, movi-me;

Ao meu orientador Victor de Oliveira que sempre incetivou-me no caminho da pesquisa, na ousada publicação em revistas e anais, e por ter segurado minhas mãos até os últimos dias deste estudo.



LISTA DE ILUSTRAÇÕES – FOTOGRAFIAS E VÍDEOS (links)

Fotografia 1 - Dançarinas meninas.....	4
Fotografia 2 - Educanda performando Mestra Traíra.....	5
Fotografia 3 – Educandos e educanda batucando e performando o batuque Mané do Rosário.....	6
Fotografia 4 - Mané do Rosário no pátio da Capela de Padre Cícero em Coruripe/AL.....	7
Fotografia 5 – Batucar: Educanda aprendendo a tocar agogô.....	8
Fotografia 6 – Batucar: Educando aprendendo a tocar agogô.....	9
Fotografia 7 - Batucar, Cantar e Dançar: Educando tocando pandeiro enquanto a turma canta e dança.....	10
Fotografia 8 - Oficinas de bonecas abayomi.....	11
Fotografia 9 - Narração de histórias da tradição Mané do Rosário.....	12
Fotografia 10 - Narração de histórias da tradição Mané do Rosário.....	13
Fotografia 11 - Dançarinas e dançarinos performando o Mané do Rosário.....	14
Fotografia 12 - Palhaços Mané do Rosário.....	15
Fotografia 13 - Ouvindo histórias das crianças - Palhaços Mané do Rosário.....	16
Fotografia 14 - Honrosamente vestida por Mestra Traíra, guardiã do Mané do Rosário.....	17
Fotografia 15 – Preparação corporal com ritmos afro-brasileiros.....	18
Fotografia 16 - Bidô filha de Mestra Traíra representando o palhaço.....	19
Fotografia 17 - Preparação para dança e pífano.....	20
Fotografia 18 - Oficina de dança com a colaboração de Juliana Lima graduanda em Dança na UFPB.....	21
Fotografia 19 – Dançando após preparação da colaboradora.....	22
Fotografia 20 - Oficina de preparação para manusear o pífano com pifeiro Pedro Vasconcelos	23
Fotografia 21 - Oficina de batuque com a colaboração de Bidô brincante do Mané do Rosário manuseando a Caixa.....	24
Fotografia 22 – Oficeneiros/instrumentos – Pífano, Surdo e Caixa.....	25
Fotografia 23 - Educando Esdra contando história do Mané do Rosário utilizando a boneca abayomi.....	26
Fotografia 24 – Brincante Larissa Performando Mané do Rosário junto às educandas.....	27
Fotografia 25 – Meninas caracterizando-se com a pintura dos palhaços Mané do Rosário.....	28
Fotografia 26 - Sessão pipoca: Dia de assistir ao documentário “Mané do Rosário” facilitado pela Profª Ana Paula.....	29
Fotografia 27 - Cortejo dos educandos e educandas pela escola.....	30
Fotografia 28 – Registro da finalização do processo com profª Ana Paula/pesquisadora, oficeneiros/as e educandos/as.....	31
Fotografia 29 – Registro da finalização do processo com profª Ana Paula/pesquisadora, oficeneiros/as e educandos/as.....	32
Fotografia 30 – Reverberações: Elas decidiram trançar os cabelos, e falar sobre estética negra	33
Link 31 – Documentário Mané.....	34
Link 32 - Link: Narração de história e música: Mané Mascarou de Toni Edson.....	35
Link 33 - Educando Esdras narrando a história do Mané do Rosário.....	36





Fotografia 1: Dançarinas meninas



Fonte: Documentário Mané de Paula Louise.





Fotografia 2 - Educanda performando Mestra Traíra



Fonte: Registro da pesquisadora.



Fotografia 3 – Educandos e educanda batucando e performando o batuque Mané do Rosário



Fonte: Registro da pesquisadora.



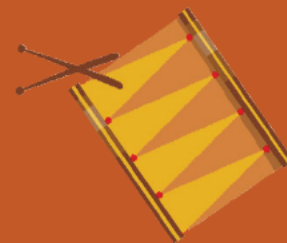


Fotografia 4 - Mané do Rosário no pátio da Capela de Padre Cícero em Coruripe/AL



Fonte: Registro da pesquisadora.





Fotografia 5: Batucar -Educanda aprendendo a tocar agogô



Fonte: Registro da pesquisadora.





Fotografia 6 – Batucar: Educando aprendendo a tocar agogô



Fonte: Registro da pesquisadora.





Fotografia 7 - Batucar, Cantar e Dançar : Educando tocando pandeiro enquanto a turma canta e dança



Fonte: Registro da pesquisadora.





Fotografia 8 - Oficinas de bonecas abayomi



Fonte: Registro da pesquisadora.





Fotografia 9: Narração de histórias da tradição Mané do Rosário



Fonte: Registro da pesquisadora.



Fotografia 10: Narração de histórias da tradição Mané do Rosário



Fonte: Registro da pesquisadora.





Fotografia 11: Dançarinas e dançarinos performando o Mané do Rosário



Fonte: Registro da pesquisadora.





Fotografia 12: Palhaços Mané do Rosário



Fonte: Registro da pesquisadora.





Fotografia 13: Ouvindo histórias das crianças - Palhaços Mané do Rosário



Fonte: Registro da pesquisadora.





Fotografia 14: Honrosamente vestida por Mestra Traíra, guardiã do Mané do Rosário



Fonte: Registro da pesquisadora.





Fonte: Registro da pesquisadora.





Fotografia 16 – Bidô filha de Mestra Traíra representando o palhaço



Fonte: Registro da pesquisadora.





Fotografia 17 - Preparação para dança e pífano



Fonte: Registro da pesquisadora.





Fotografia 18 - Oficina de dança com a colaboração de Juliana Lima graduanda em Dança na UFPB



Fonte: Registro da pesquisadora.





Fotografia 19 – Dançando após preparação da colaboradora



Fonte: Registro da pesquisadora.





Imagem 20 - Oficina de preparação para manusear o pífano com o pifeiro Pedro Vasconcelos





Fotografia 21 - Oficina de batoque com a colaboração de Bidô brincante do Mané do Rosário



Fonte: Registro da pesquisadora





Fotografia 22 – Oficineiros/instrumentos – Pífano e Caixa



Fonte: Registro da pesquisadora





Fotografia 23: Educando Esdra contando história do Mané do Rosário utilizando as bonecas abayomi



Fonte: Registro da pesquisadora.





Fotografia 24 – Brincante Larissa performing Mané do Rosário junto às educandas



Fonte: Registro da pesquisadora



Fotografia 25 – Meninas caracterizando-se com a pintura dos palhaços Mané do Rosário



Fonte: Registro da pesquisadora





Fotografia 26 - Sessão pipoca: Dia de assistir ao documentário “Mané do Rosário” facilitado pela profª Ana Paula



Fonte: Registro da pesquisadora





Fotografia 27 – Cortejo dos educandos e educandas pela escola



Fonte: Registro da pesquisadora



Imagem 28 – Registro da finalização do processo com profª Ana Paula/pesquisadora, oficinairos/as e educandos/as



Fonte: Registro da pesquisadora





Fotografia 29 – Registro da finalização do processo com profª Ana Paula/pesquisadora, oficinairos/as e educandos/as



Fonte: Registro da pesquisadora

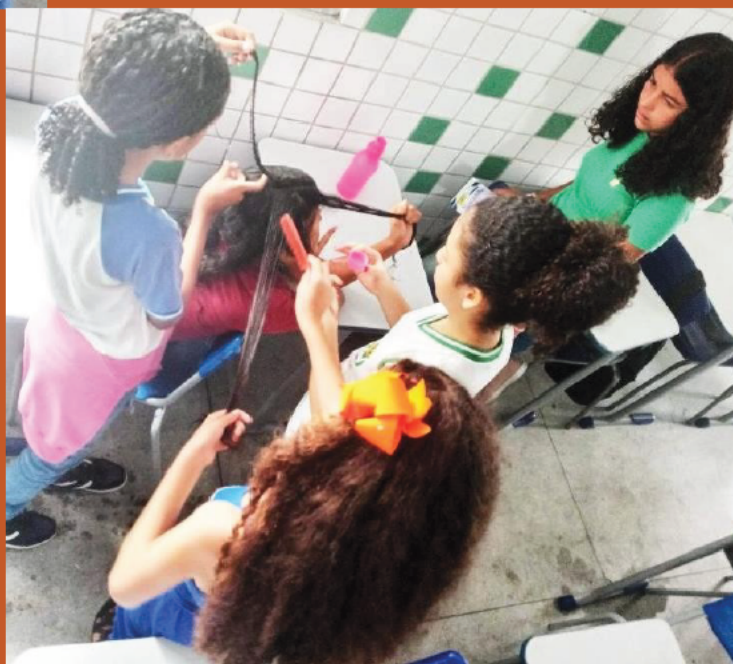


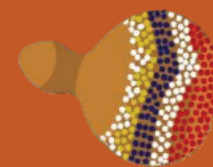


30– Reverberações: Elas decidiram trançar os cabelos, e falar sobre estética negra



Fonte: Registro da pesquisadora





LINK'S

31 – Link: Documentário Mané



Documentário, 12 min, 2019

Direção Coletiva (Arlindo Cardoso, Karina de Magalhães, Lucas Cardoso e Paula Fernandes).

Fonte: Registro da pesquisadora

ACESSO: YouTube

<https://youtu.be/V9cgAlEowRw>





32- Link: Narração de história e música: Mané Mascarou de
Toni Edson



ACESSO: Instagram

<https://www.instagram.com/tv/CDRk6slpaMI/?igshid=NTdlMDg3MTY=>





33- Link: Educando Esdras narrando a história do Mané do Rosário



ACESSO: Drive Google

<https://drive.google.com/file/d/110mCo8hLNkrcYsnrg5oqw0M8c4IjoTZ/view?usp=sharing>

